XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

A modernidade em Baudelaire por Walter Benjamin

Allan André Lourenço*

Resumo

Charles Baudelaire ocupou um espaço de destaque na produção intelectual de Walter Benjamin durante a década de 1930. Isso se deveu ao fato de sua lírica refletir a nova postura dos habitantes das grandes cidades: a reação aos choques. As multidões e as metrópoles deram forma a um tipo de vivência que fragmenta a experiência da tradição e intensifica o isolamento do indivíduo diante de seus semelhantes, o sujeitando a um automatismo e a um processo gradativo de massificação. Essa nova consciência dos sujeitos, quem em Baudelaire aparece sob o nome de spleen, confronta-se diretamente com o ideal, enquanto imagem utópica e rememoração de uma forma de experiência que não pode mais existir. O spleen como consciência permanente da catástrofe, conforme definiu Benjamin, possui íntimas articulações com o judaísmo heterodoxo do qual era associado. Nesse sentido, o presente trabalho tem como escopo uma análise das afinidades eletivas, no sentido weberiano do termo, entre a filosofia da história benjaminiana e o messianismo judaico, levando-nos a concluir que o elemento catastrófico é um fenômeno que intersecciona tanto seu trabalho materialista sobre Baudelaire como também sua religiosidade judaica, que mesmo parecendo oculta ela ainda opera secretamente em sua ensaística.

Palavras-chave:

Charles Baudelaire, modernidade, Walter Benjamin.

Introdução

Os ensaios escritos por Benjamin durante a década de 1930, para além daqueles influenciados pela poesia de Baudelaire, estão marcados por um clima de pessimismo decorrente das consequências desastrosas da Primeira Guerra Mundial. Nesses textos, encontra-se de forma corrente a afirmação de que a civilização engendrou um processo de empobrecimento, fragmentação ou até mesmo destruição da experiência. Certamente, *Experiência e pobreza*, de 1933, foi um dos ensaios mais elucidativos dentro dessa temática: “está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história” (BENJAMIN, 1994, p. 114).

Todavia, aqueles ensaios dedicados à obra de Baudelaire foram ainda mais decisivos no desenvolvimento dessa linha de raciocínio. Como se sabe, o pensador alemão tinha um interesse imponente pela construção histórico-filosófica da cidade de Paris durante o século XIX, interesse o mesmo que pretendia transformar em livro – as Passagens (*Das Passagen-werk*).

Resultados e Discussão

O crescimento urbano de Paris não alterou apenas a paisagem da metrópole, como também a vida psíquica de seus habitantes, a experiência da aura foi destruída pela vivência do choque. Para explicar essa nova conjuntura das relações sociais, Benjamin recorreu em *Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire* aos pressupostos da teoria da memória de Henri Bergson e ao estudo da memória desenvolvido por Sigmund Freud. Segundo o psicanalista, há uma importância substancial na vivência em consciência a partir do momento que tal consciência tem a função elementar de defesa contra o choque: “quanto maior for a ameaça do choque, tanto mais vigilante estará a consciência” (BENJAMIN, 2015, p. 342). A capacidade que os indivíduos têm em reagir a esses choques constitui a matéria decisiva da lírica baudelaireana em seu *spleen*, a ponto do próprio poeta se

enxergar nessa categoria: “o Baudelaire-poeta reproduz, com as fintas da sua prosódia, os choques que as suas preocupações lhe provocavam e as centenas de ideias com que ele os aparava” (BENJAMIN, 2015, p. 72).

Conclusões

O elo entre judaísmo e marxismo presente nesse pensador alemão corresponde ao que, numa terminologia weberiana, entende-se por afinidades eletivas. Há na filosofia da história benjaminiana uma espécie de parentesco íntimo entre elementos religiosos e elementos seculares de visão de mundo, sem que com isso decaia, consequentemente, em paroxismos e contradições.

Na mudança terminológica que os ensaios benjaminianos passaram após sua relação com o marxismo, o elemento propriamente messiânico continuou a ressoar por meio do elemento catastrófico existente tanto na doutrina messiânica do judaísmo como também no *spleen* da poesia baudelaireana.

Agradecimentos

Meus agradecimentos aos membros do grupo de pesquisa “Ética, política e religião: questões de fundamentação”, da PUC-Campinas, ao meu orientador Prof. Dr. Douglas Ferreira Barros e a todos os docentes da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-Campinas. Agradeço também ao CNPq pelo fomento deste projeto.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura – obras escolhidas (volume I). 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Baudelaire e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.